

A Criatividade na Educação

.....
Texto de Fayga Ostrower no livro *A Arte como Processo na Educação*, coordenado por Maria de Lourdes Mäder Pereira. FUNARTE, Rio de Janeiro, 1981.

Foi mantida a grafia original.

O potencial criador do homem realiza-se dentro de sua própria produtividade. Estimulado pelo desafio de necessidades a satisfazer, tarefas a cumprir a fim de sobreviver melhor, em seu trabalho o homem imagina soluções e cria.

Assim também, a arte se caracterizaria como um trabalho, no sentido de ser útil para a sobrevivência do homem. Mais do que útil, porém, a arte afeta a essência humana do homem; acrescentando dimensões novas à existência, ultrapassa o ser biológico para caracterizar no homem um ser espiritual.

Embora em formas sempre novas, podemos ver nessa dimensão espiritual da arte uma constante em todas as épocas da história humana. O que, porém, se modifica fundamentalmente ao decorrer de séculos e milênios, é a função social da arte, as possíveis necessidades que a arte pode satisfazer dentro de contextos culturais sempre diferentes. Por isso é interessante, e altamente significativo, analisar o fenômeno de hoje, no clima mental de nossa sociedade, o compromisso artístico ser interpretado em termos de uma ocupação de lazer ou uma terapia, desvestida de características produtivas do trabalho.

Transformação

Toda criação corresponde essencialmente a processos de transformação. Quando, por exemplo, em milênios antes de nossa era, um artesão anônimo moldava a terra em pote, ele transformava a terra. Transformando-a, a formava, dava-lhe uma determinada ordenação. Essa forma correspondia a certas necessidades concretas – o pote poderia servir para conter água ou óleo – mas também correspondia a necessidades e possibilidades internas. Assim, ao transformar a matéria, o artesão também se transformava. Crescia de algum modo e esclarecia algo dentro de si, ainda que talvez nem usasse palavras ou pensamentos.

Em qualquer processo de criação, surgem simultaneamente ordenações materiais e espirituais. Por isso o ato criativo sempre deixa um lastro, seja na pessoa que cria, ou seja, na pessoa que recria mentalmente as formas já criadas. Constitui uma fonte de eterna renovação espiritual, de desdobramento e de transformação. Mas a criação encontra-se em todo o fazer do homem, na arte, na ciência, na tecnologia, ou na própria maneira de ser de alguém diante do viver. Como todo processo de transformação, sempre afetará a personalidade toda do indivíduo.

Trabalho

Há de se ver também que a criação não se dá num vácuo e sim ocorre dentro do contexto concreto de um tempo e uma cultura, isto é, dentro de um conjunto de valores. Seria tão impossível inventar-se valores ou formas expressivas quanto seria impossível inventar-se contextos culturais. O que ocorre, entendemos, é que ao desenvolver-se em determinada cultura

e ao participar dela, cada indivíduo encontra diante de si certas tarefas ou possibilidades. Essas ele pode perceber, organizar e talvez até reestruturar para novas tarefas e novas formas de compreensão.

Em nisto contexto cultural, entretanto, está ocorrendo um fenômeno da maior gravidade, que compromete o potencial criador. Refiro-me a um processo consistente que ocorre nos mais variados níveis de consciência do homem: é um verdadeiro processo de *dessensibilização das pessoas*. Atribuo-o à interação de dois fatores principais que se mobilizam mutuamente – a produção industrial e a sociedade de consumo.

Para analisar rapidamente certas conseqüências da produção industrial, vamos compará-la com o fazer artístico. Em termos de modos de produção, o artista seria um produtor pré-industrial. Ele conhece a matéria com que lida, sabe como ela era quando iniciou o trabalho, sabe das decisões que tomou e porque as tomou, e conhece os resultados finais, e forma criada. Importante ainda é ver que, em cada uma das fases e intervenções, o artista se liga afetivamente à matéria na sua transformação. Assim, tudo, a matéria, o trabalho, a transformação, é impregnado de conteúdo afetivo. Voltando-nos agora à produção industrial, torna-se patente que ninguém mais conhece o processo produtivo do qual participa, como um processo de transformação. Nem o operário, nem o técnico, o desenhista, o programador, e nem o próprio executivo. Embora tomem decisões a respeito, o processo produtivo se tornou um todo abstrato, certamente sem conteúdos afetivos nas várias etapas de transformação ou formação da matéria. O que se dá, então, é uma alienação do homem do seu próprio fazer.

Evidentemente, não se trata de condenar a produção industrial ou ignorá-la. Precisamos das máquinas e da tecnologia moderna. Mas também é preciso reconhecer certos aspectos negativos para a criatividade do homem, pois só reconhecendo-os seria possível compensá-los. E a compensação teria que ser de ordem social.

Infelizmente, entretanto, não seria a sociedade de consumo que procuraria compensar tais aspectos negativos através de valores humanistas. Bem ao contrário. Vemos, antes, a redução de todos os valores ao nível de mera mercadoria, cuja substituição rápida se torna a única meta na vida humana. Assim nem se permite que se estabeleça uma relação afetiva ao que o homem faz ou alcança. O próprio homem se torna mercadoria, substituível tão logo se coloque fora do chamado ciclo produtivo – de mercadorias, naturalmente. É só abrir um jornal e ler os anúncios de emprego, para se constatar que no fundo o homem está sendo considerado 'útil' à sociedade no curto período entre 25 e 35 anos. Aos 40 anos já é marginalizado. Acontece, porém, que as verdadeiras qualidades humanas – que são conquistas do homem: a criatividade, a imaginação, a coragem, o amor, a compreensão, a maturidade, a própria experiência de vida – não podem ser mercadorias e nem são substituíveis. São qualidades de crescimento e cada um de nós tem de conquistá-las para si.

Educação

Essa redução à mercadoria substituível será encontrada no mundo inteiro, e infelizmente, também no mundo inteiro, podemos constatar existir hoje uma profunda crise de criatividade. Ela é acompanhada de um empobrecimento e de uma redução da própria qualidade de vida, apesar de sem dúvida dispormos agora de conhecimentos e riquezas materiais incomparavelmente maiores do que em qualquer época histórica anterior. E se analisarmos o conteúdo expressivo da arte contemporânea, chegamos a conclusões bem curiosas: muito ao contrário de um senso de euforia ou de satisfação por tantas riquezas maiores, veremos que as características da arte moderna são: o medo, a ansiedade, o desespero.

De fato, o indivíduo se sente ameaçado no seu ser mais íntimo, no ser sensível. O que assusta nesse processo de dessensibilização das pessoas é que ele se tornou um fenômeno tão cotidiano, de nivelamento e corrosão das bases de vida, a todo momento, em todas as idades e todos os níveis, que ninguém mais presta atenção. Ou digamos, é o dia-a-dia, nada de extraordinário nisto, nada que seria uma guerra ou uma explosão. E, no entanto, é a destruição crescente.

Quero dar dois exemplos: na rua Primeiro de Março, no Rio, está sendo construído um novo prédio de uns quarenta andares – um espigão, um monstro – e no jornal, em página inteira, a propaganda anuncia-o: “Hoje o Rio vai amanhecer mais alto”. O outro exemplo é um concurso de “criatividade infantil”, lançado a pouco por uma firma de artigos eletrodomésticos. As crianças, até 12 anos, devem fazer um desenho e um slogan propagandístico. Oferecem-se prêmios não só às crianças, mas também aos respectivos pais e professores, que serão contemplados com automóvel, TV a cores, aparelhos de som, além de viagens para a criança premiada e acompanhante. Não será difícil imaginar o quanto os adultos, pais e professores, irão interferir e pressionar a linguagem da criança. Portanto, jamais a criança criará porque jamais será ela mesma a falar. Infelizmente também saberá reconhecer que tudo é mentira. Para poder criar, é preciso poder falar com a própria voz sobre a própria experiência, falar de dentro para fora. Não existe procuração para criar, como não poderá haver procuração para se viver.

O triste em tudo isto é que os adultos, de hoje, talvez ainda poderão defender-se contra pressões desse tipo, mas as crianças de hoje, os adultos de amanhã, como poderão fazê-lo?

Uma das primeiras metas na educação deveria ser, portanto, dirigir-se novamente à sensibilidade inteligente das pessoas. Se deveria procurar reforçar os processos de diferenciação e de discriminação interna, que correspondem aos próprios processos de crescimento e integração da pessoa, à sua individuação. Assim haverão de criar. Pois cabe ver na criação um modo de avaliação da vida, no qual interagem continuamente referências afetivas e critérios de valor. Criar significa poder avaliar.

Fazer ‘qualquer coisa’ não é criar

O professor teria, portanto, que ser capaz de mostrar que existem valores, e por que existem, teria de dar uma oportunidade aos alunos de discutirem critérios, o que corresponde a uma tomada de posições, e também mostrar que existe inerente em nós o sentido de responsabilidade pelo que fazemos. Assim não valeria dizer aos alunos: “Vocês estão livres, façam qualquer coisa, criem”. Antes, deveria ser possível dizer: “Vocês estão livres, perguntem, indaguem, experimentem, poderão fazer tudo, uma vez que assumam a responsabilidade pelo que fizerem”. O questionamento, a indagação, a compreensão da pesquisa, eis o caminho da criação. Sem dúvida, é difícil ser professor de arte, pois nós, artistas, bem sabemos que arte nem se ensina; a única coisa que é possível fazer, difícilíssima, é ajudar os outros a formularem perguntas, suas próprias perguntas. Ao formularem as perguntas, estarão encaminhando-se para as possíveis respostas.

Cabe insistir que a massificação não educa, porque ela implica em respostas prontas. Na educação se estabelece um diálogo essencial entre a experiência e a indagação, e se com isto quase que propomos um atendimento individual, ainda assim podemos imaginar condições de se facultar a um grande número de pessoas – considerados indivíduos e não massa amorfa – formular melhor suas perguntas a fim de encontrar suas respostas. Em outras palavras, condições de realmente criar. É preciso não esquecer que quando o professor fala com os alunos, estará transmitindo informações; mais do que isto, porém, com sua própria atitude ela estará dando formação à mente dos jovens.

Não tenho muitas ilusões sobre o que podemos fazer individualmente. Cada um de nós só dispõe de um certo espaço vivencial dentro do qual é possível movimentar-se e trabalhar. Ainda que restrito, porém, o espaço existe e é preciso agir nele. É o que devemos às gerações futuras, aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos, na visão esperançosa de que para eles a criação possa tornar-se uma nova dimensão da vida.

Por mais limitado que seja nosso trabalho, nós defendemos a cultura que é o grande legado humanista.